

20

O Que é a Adolescência

JESÚS PALÁCIOS

1. A adolescência como fenômeno recente

É a adolescência uma fase psicológica necessária? Trata-se de um período natural ou é mais uma construção artificial, um produto de determinada organização social e cultural? É possível que existam leitores que se surpreendam por começarmos com essas perguntas nossa análise da Psicologia Evolutiva dos adolescentes, pois talvez considerem que a adolescência seja uma época com um *status* tão específico como o da infância, da adultez ou da velhice, por cujo caráter mais ou menos natural ou artificial não nos indagamos. Por que, então, formular essas perguntas em relação à adolescência?

Costumamos entender por adolescência a etapa que se estende, a grosso modo, dos 12-13 anos até aproximadamente o final da segunda década da vida. Trata-se de uma etapa de transição, na qual não se é mais criança, mas ainda não se tem o *status* de adulto. É aquilo que Erikson (1968) chamou de uma "moratória social", um compasso de espera que a sociedade oferece a seus membros jovens, enquanto se preparam para exercer os papéis adultos.

Todavia, a adolescência, tal como a conhecemos no Ocidente, no final do século XX, é, até certo ponto, um produto de nosso século. Muitos rapazes e moças ocidentais, que consideramos adolescentes, podem ser caracterizados por ainda estar no sistema escolar, em algum outro contexto de aprendizagem profissional ou

em busca de um emprego estável; por ainda dependerem dos pais e morando com eles; por estarem realizando a transição de um sistema de apego centrado, em parte, na família, para um sistema de apego centrado no grupo de iguais, para um sistema de apego centrado em uma pessoa de outro sexo; por sentirem-se membros de uma cultura de idade (cultura adolescente), que se caracteriza por ter suas próprias modas e hábitos, seu estilo de vida próprio, e seus próprios valores; por ter preocupações e inquietudes que não são mais as da infância, mas que ainda não coincidem com as dos adultos. São essas algumas das marcas de identidade dos adolescentes ocidentais que conhecemos. A seguir, neste capítulo (e depois nos dois seguintes), irão surgir novos traços identificatórios daquilo que denominamos adolescência.

Mas, com o que já foi mencionado, basta-nos para afirmar que esse tipo de adolescência, que acabamos de descrever sucintamente, nem sempre existiu, ou pelo menos não existiu com os traços descritos. Certamente, os filósofos gregos da antiguidade, como depois os pensadores e escritores posteriores, já tinham identificado alguns anos da vida das pessoas, que se caracterizavam por serem aqueles em que as crianças começam a se tornar indisciplinadas, a questionar a autoridade dos pais, a ter desejos sexuais, etc. Porém, os sujeitos aos quais esses escritores e pensadores se referiam constituíam uma minoria muito pequena da população, entre os treze e os vinte anos. Por muitos séculos, até o final do XIX, as crianças eram incorporadas ao mundo do trabalho em algum momento entre os sete anos e o início da puberdade, da qual iremos falar na seção seguinte. Eram poucas as que estudavam, poucas que o faziam acima dos 10-12 anos, e aquelas que o faziam, geralmente, não estavam reunidas por níveis diferenciados de idade, nem permaneciam por muito tempo no sistema educativo. Não existia uma cultura adolescente, nem a adolescência era considerada como uma fase particular do desenvolvimento.

No que concerne ao ocidente, o final do século XIX marca um ponto de ruptura com a situação que se acaba de descrever. A revolução industrial muda muitas coisas e o faz de maneira bastante notável. Começou, com a industrialização, a se tornar importante a capacitação, a formação, o estudo. Embora os filhos de operários continuassem se incorporando ao mundo do trabalho em idades muito precoces, os filhos das classes médias e altas tenderam a permanecer nas escolas, que aumentaram em número, desenvolveram programas específicos e mais complexos, tornaram-se mais exigentes. Finalmente, os filhos dos operários também passaram a adotar o mesmo estilo de vida, quando, conforme avançava o século, foi sendo introduzido, nos diversos países ocidentais, o conceito de escolaridade obrigatória, que se foi ampliando até chegar, na atualidade, na maioria dos países europeus, aos dezesseis anos. Não são poucos os rapazes e moças que continuam seus estudos, após a escolaridade obrigatória, permanecendo no sistema escolar vários anos mais.

O que foi dito significa que, em nossa cultura ocidental, a incorporação dos adolescentes ao status adulto retardou-se notavelmente, formando-se, em consequência, um novo grupo que, como foi indicado, desenvolve, além disso, seus próprios hábitos e maneiras, e que enfrenta problemas peculiares.

Como vimos, as coisas se passavam de forma diferente, em outros momentos históricos de nossa cultura, e ainda continuam sendo de outra maneira em outras culturas muito diferentes da nossa, nas quais a incorporação à condição de adulto se dá precocemente, com tudo o que isso implica na formação de uma família, acesso às responsabilidades e comportamentos adultos, etc. Dessa forma, em sociedades menos desenvolvidas (e mais claramente em sociedades primitivas), existe uma série de ritos associados às mudanças físicas da puberdade. Uma vez passado por esses ritos (às vezes, com um período de isolamento de vários dias ou várias semanas, que são, além disso, aproveitados para a doutrinação dos novos adultos nas tradições

grupais, nas técnicas de caça, etc.), o indivíduo sai convertido em um adulto. Aqui **não se pode falar de adolescência no mesmo sentido em que utilizamos essa palavra** em nossa cultura. Como se pode ver, nesses povos não é adotado nenhum dos sinais de identidade de nossos adolescentes: continuar no sistema escolar, sob a dependência dos pais, formando um grupo à parte, identificável como tal, etc.

Do dito segue-se que é preciso fazer uma distinção entre dois termos, que possuem um significado e um alcance muito diferente: **puberdade e adolescência**. Chamamos puberdade ao conjunto de modificações físicas que transformam o corpo infantil, durante a segunda década de vida, em corpo adulto, capacitado para a reprodução. Chamamos de adolescência um período psicossociológico que se prolonga por vários anos, caracterizado pela transição entre a infância e a adultez. Como se torna evidente, a puberdade é um fenômeno universal, para todos os membros de nossa espécie, como fato biológico que é, e como momento da maior importância em nosso calendário maturativo comum. A adolescência, por seu turno, é uma fato psicossociológico não necessariamente universal e que não adota necessariamente, em todas as culturas, o padrão de características adotado na nossa, na qual, além disso, deu origem a uma importante variação histórica, que, ao longo de nosso século, foi configurando a adolescência que nós conhecemos. No capítulo 20, volta-se a essas questões.

2. As mudanças físicas da puberdade e suas conseqüências psicológicas

Salvo os caracteres sexuais primários (pênis, nos meninos, vagina, nas meninas), os corpos infantis são fundamentalmente iguais. No fim dos processos de mudança que ocorrem na puberdade, os corpos masculino e feminino se diferenciam enormemente, tanto no que se refere aos caracteres sexuais primários citados, quanto ao relacionado com os caracteres sexuais secundários (por exemplo, os pêlos faciais, a mudança da voz e o alargamento dos ombros nos meninos, o crescimento das mamas e o alargamento dos quadris nas meninas). O processo de transformação **física é posto em marcha por uma série de mecanismos hormonais, que desencadeiam um longo processo de modificações que, como se verá a seguir, apresenta um**

~~padrão diferente em ambos os sexos.~~
Nos meninos, a primeira manifestação das mudanças é o começo do crescimento dos testículos, seguido por um discreto aparecimento de pêlos púbicos não-pigmentados, o crescimento do pênis e uma primeira mudança de voz. Os pêlos logo começam a sombrear as axilas e a pele entre o lábio superior e a base do nariz. Mais adiante, produzem-se espermatozóides e podem ocorrer as primeiras emissões de sêmen, sejam induzidas (masturbação), sejam espontâneas (poluções noturnas). A seguir, os pêlos púbicos **pigmentam-se e seu crescimento atinge a velocidade máxima**. O processo prossegue com o crescimento do pênis e dos testículos, aumentando, depois, a produção de espermatozóides. Logo depois, crescem os pêlos das axilas e, um pouco depois, a voz se modifica mais acentuadamente, crescendo a barba. A partir de então, o crescimento se desacelera.

Nas meninas, os primeiros sinais são o arredondamento dos quadris e o primeiro crescimento das mamas, junto ao surgimento dos pêlos púbicos não-pigmentados. O útero, a vagina, os lábios e o clitóris aumentam, a seguir, de tamanho. Os pêlos púbicos passam a crescer mais depressa e a ser pigmentados. A seguir, desenvolvem-se as mamas, com pigmentação das aréolas e mamilos. Logo depois, inicia-se a pigmentação dos pêlos axilares. Depois, a velocidade de crescimento dos pêlos atinge seu ponto máximo. A seguir, ocorre a menarca (primeira menstruação).

Completa-se o crescimento dos pêlos púbicos, as mamas adquirem sua conformação adulta e os pêlos axilares completam seu crescimento, com desaceleração de sua velocidade.

Os processos acima descritos são produzidos de maneira relativamente lenta, devendo-se destacar que algumas das manifestações de mudança mais evidentes para o observador externo (mudança de voz, pigmentação dos pêlos axilares e do rosto, no caso dos meninos; primeira menstruação, desenvolvimento das mamas, nas meninas), são apenas a parte final de um processo iniciado há bastante tempo.

Não nos referimos às idades nas quais ocorrem essas mudanças. Em média, os meninos começam pelos 12-13 anos e terminam pelos 16-18 anos. Nas meninas, começam, em média, pelos 10-11 anos e terminam pelos 14-16 anos. Portanto, as meninas estão mais adiantadas no processo, como já se disse no capítulo 2, quando se falou do dimorfismo sexual ou das diferentes curvas de crescimento, nos meninos e meninas. As idades indicadas são as médias, mas elas variam bastante, iniciando-se o processo, em alguns meninos, aos dez anos e terminando, em outros, aos vinte, e começando, em algumas meninas, aos nove, prolongando-se, em outras, até os dezoito. As diferenças entre os sujeitos são enormes, havendo meninos nos quais o crescimento do pênis já terminou ao redor dos treze anos e meio, enquanto em outros só se completa pelos dezessete; há meninas que apresentam sua primeira menstruação aos 9-10 anos, enquanto outras só a têm aos dezesseis anos e meio, embora a maioria a apresente em torno dos 12-13 anos. Portanto, havendo uma grande heterogeneidade interindividual no momento em que ocorrem as mudanças, existe, no entanto, uma grande semelhança na seqüência com que acontecem, que é aquela descrita acima. Assim, independentemente da idade em que são postas em marcha ou concluídas as mudanças, o processo de crescimento físico que ocorre na puberdade apresenta o mesmo perfil, nos diferentes indivíduos.

São várias as causas pelas quais a maturação ocorre mais cedo ou mais tarde. Parece que estão implicados aspectos genéticos e aspectos ambientais. Destes últimos, é evidente que a alimentação desempenha um papel importante. Como foi indicado no capítulo 2, quando se falou sobre a "tendência secular do crescimento", está se produzindo, nos últimos cem anos, um adiantamento do processo que estamos descrevendo, adiantamento que, em alguns países, já se deteve. De todo modo, as diferenças não afetam apenas uma época histórica em relação à outra, ou uma cultura comparada com outra cultura diferente; dentro de uma mesma sociedade e no mesmo momento histórico, encontram-se diferenças entre diferentes grupos, como as existentes, por exemplo, entre as meninas urbanas e as rurais, podendo estas apresentarem a menarca um pouco mais tarde do que aquelas, o que indica a contribuição de fatores como o da alimentação e, provavelmente, alguns outros, como a história de saúde, os hábitos de vida, etc.

Como já se disse, tanto os meninos e meninas que amadurecem precocemente, como os lentos e os que se aproximam da média, são perfeitamente normais, do ponto de vista do processo do crescimento. Mas, naturalmente, a análise evolutiva que a nós interessa não pára no plano estritamente maturativo, devendo nos indagar, a seguir, sobre o impacto psicológico que o amadurecimento precoce ou tardio pode ocasionar.

Para compreender o impacto que a maturação precoce ou tardia pode ter sobre os meninos e meninas, é preciso destacar o fato de que, provavelmente, a etapa da adolescência é uma das etapas da vida em que mais atento se está ao próprio corpo, a suas características e desenvolvimento, a suas semelhanças e diferenças em relação ao corpo dos outros. Isso é assim em nossa cultura (parece que não se trata de um fenômeno universal), na qual, além disso, existe uma série de estereótipos de beleza,

em relação aos quais o adolescente se valoriza, sentindo-se tanto mais confortável com seu próprio corpo, quanto mais este se conforme com esses estereótipos, e tanto mais incomodado, quando mais afastado deles estiver, ou quanto mais se afastar daquilo que é habitual em seu contexto.

Parece que os efeitos da maturação precoce ou tardia tendem a ser diferentes, nos meninos e nas meninas. No caso dos meninos, a maturação precoce é freqüentemente bem recebida por aquele a quem afeta, pois o distingue dos demais por sua força, capacidade atlética e superioridade física, aspectos valorizados pelos adolescentes varões. O menino que amadurece mais tarde do que a média pode se sentir mais inseguro, mais inadequado. Para uns e para outros surgem efeitos na área da socialização, que podem ser de alguma importância: talvez o adolescente que tiver amadurecido precocemente se veja pressionado a comportar-se de acordo com critérios mais relacionados com sua maturidade física do que com sua maturidade psicológica, o que pode significar, para a criança, tensão e sentimentos de incompetência. No caso do menino que amadurece lentamente, pode ocorrer o contrário: espera-se dele um comportamento mais infantil do que aquele que é realmente capaz de produzir, de acordo com sua maturidade psicológica, o que pode provocar tensões com os adultos.

No caso das meninas, a maturação precoce não parece ser tão bem-vinda por aquela que a padece, que inclusive pode tentar ocultar seus sinais externos mais visíveis, tendo medo de chamar demais a atenção, a crescer demais ou engordar além da conta. Em consequência de seu aspecto físico, as meninas que amadurecem precocemente podem ser pressionadas pelos meninos maiores a estabelecer um tipo de relações para o qual ainda não estão preparadas. A menina que amadurece tardiamente talvez tenha, neste sentido, menos problemas, pois, dada a diferença de idade em que ocorre a maturação das meninas e dos meninos, a favor das primeiras, a menina que amadurece mais tarde fá-lo na mesma média de idade dos meninos.

As diferenças às quais acabamos de nos referir, entre os meninos e as meninas que amadurecem precoce e tardiamente, baseiam-se em dados de investigação e, além disso, são razoáveis. Não obstante, devem-se acrescentar duas precauções fundamentais. A primeira delas refere-se ao fato de que a investigação neste terreno é escassa e apresenta problemas metodológicos (por exemplo, chegar a um acordo a respeito do momento em que se considera que um menino está no ápice das modificações da puberdade), e, além disso, há freqüentes desacordos entre os diferentes investigadores. A segunda se refere ao fato de que, ainda que existam diferenças associadas à precocidade ou à demora da maturação, e ainda que o momento da maturação seja de grande importância para o adolescente que está envolvido nela, é discutível que os efeitos dessas diferenças sejam importantes a longo prazo. Muito pelo contrário, parece que o momento em que ocorrem as mudanças da puberdade tem apenas uma importância relativa, quando se olha da perspectiva do desenvolvimento posterior. A forma como os adolescentes vivem sua adolescência e realizam a transição para a vida adulta parece ser afetada por um conjunto de fatores, entre os quais se destacam a história evolutiva anterior à adolescência, as relações com os adultos e os iguais significativos, o êxito ou fracasso acadêmico. O momento da maturação tem seu lugar entre esses fatores, mas, provavelmente, não é o mais importante, nem o mais impactante.

O importante não parece ser tanto o momento no qual se produz a maturação, como a constelação de variáveis na qual o momento da maturação se insere. Para apresentar dois exemplos simples, não é o mesmo uma maturação física precoce em um menino ou em uma menina com um desenvolvimento cognitivo e social ainda infantis, do que em um menino ou menina com um desenvolvimento mais adiantado

nesses aspectos; não é o mesmo enfrentar as incertezas das mudanças físicas com um sentimento básico de confiança em si mesmo e em um entorno social significativo, do que com sentimentos negativos a respeito de si mesmo ou dos pais, irmãos e amigos.

3. Adolescência. Tormenta e drama?

Desde que, nos primórdios do nosso século, G. Stanley Hall (1904) publica dois grossos volumes sobre a adolescência, existe uma tendência a considerar essa época da vida como um período de "tormenta e drama", de acordo com a contra-senha do movimento romântico da literatura alemã do século XVIII. Supõe-se, de acordo com esse ponto de vista, que a adolescência seja uma época de turbulências, de mudanças dramáticas, de abundantes tensões e sofrimentos psicológicos. Até certo ponto, essa visão da adolescência como época tormentosa encontrou reforço em várias formulações psicanalíticas que situavam, depois da fase de latência, um período de tensão especial, com a reativação de conflitos que tinham ficado adormecidos, e seu despertar, em um contexto mais complexo e problemático do que o da infância.

No entanto, este não é o único ponto de vista que existe sobre a adolescência e seu caráter mais ou menos turbulento. O maior contraste com as teorias da tormenta e drama é o oferecido pelas teorias provenientes da antropologia cultural. Há muitos anos, a antropóloga Margaret Mead fez observações em Samoa, na Oceania (Mead, 1928). Estudou ali o fenômeno da adolescência e suas conclusões podem ser facilmente resumidas: os meninos e meninas de Samoa, que atravessam as mudanças fisiológicas que levam da infância à maturidade, não apresentam nenhum sinal especial de tensão, de turbulências ou de dificuldades. Pelo contrário, parece que, na Samoa que Mead observou, tudo levava a realizar uma transição fácil e sem problemas: os meninos e meninas já vinham sendo introduzidos na vida dos adultos e suas responsabilidades, ainda que de maneira gradual e adequada às suas possibilidades; os conflitos eram discutidos e resolvidos abertamente; existiam formas socialmente estabelecidas de fazer frente às tensões interpessoais, etc. A adolescência era, naquela Samoa, uma agradável época da vida.

Como freqüentemente ocorre em Psicologia, encontramos-nos diante de duas descrições do mesmo fato, que, à primeira vista, parecem simplesmente incompatíveis: uma, que fala de tensões e dramas como elemento caracterizador da adolescência, outra que enfatiza o caráter culturalmente determinado da forma em que se vive esse período da vida humana.

Na esteira das contribuições da antropologia cultural, tem havido, nos últimos anos, uma certa tendência a adotar a posição oposta à convencional, que consistia em considerar a adolescência como uma época particularmente agitada. Assim, chegou-se a afirmar que a adolescência é apenas um produto cultural, e que seu caráter mais ou menos suave ou agitado é apenas uma das conseqüências das experiências que cada cultura oferece a seus membros jovens. Chegou-se a afirmar que a adolescência não é fundamentalmente uma época de tensões.

Mas, junto com essa visão cor-de-rosa da adolescência, existem alguns dados que são inquestionáveis, relacionados com abandonos escolares, suicídios ou tentativas de suicídio, gestações precoces indesejadas, grandes dificuldades de ajuste familiar, etc.

Provavelmente, algo existe de verdade nas duas versões extremas, e, provavelmente, a maior parte dos adolescentes se situa em um ponto intermediários entre o cor-de-rosa e o negro. Pode ocorrer, por exemplo, que aqueles que afirmam que a

adolescência não é uma época de tensões particulares e aqueles que falam da adolescência como uma época particularmente conflitiva estejam simplesmente falando de dois tipos de adolescentes diferentes, os dois reais: uns, para os quais a adolescência constitui mais uma transição das que ocorrem na vida, outros, para os quais é uma época de dificuldades especiais e de ajustes particularmente dolorosos. Diferentes adolescentes apresentam histórias evolutivas anteriores muito diferentes e experiências muito diferentes na adolescência. Inclusive, as mesmas experiências podem ter significados bastante diferentes. Assim, para alguns adolescentes, tirar a carteira de motorista significa poder levar seus amigos e amigas de carro, ir de um lugar para outro, exibir-se... Para outros adolescentes, ter a carteira de motorista significa poder aceder a um posto de trabalho, para o qual ela é um requisito necessário. Não se pretende dizer, com isso, que o primeiro tem uma adolescência tranqüila e que o segundo a tem turbulenta, pois poderá estar ocorrendo o contrário. O que se quer dizer é que, provavelmente, é melhor falar de adolescentes (dos diferentes tipos de adolescentes), em lugar de adolescência, e que qualquer fenômeno que se considere deve ser avaliado da perspectiva da história evolutiva do sujeito e de suas características de conjunto.

Dessa ótica, existem provavelmente adolescentes para os quais essa época da vida é especialmente tormentosa e outros para os quais é mais fácil, ainda que não seja isenta de problemas. De fato, alguns antropólogos que fizeram observações em Samoa, depois de Margaret Mead, observaram mais conflitos (de agressão, sexuais, de competição...) do que ela tinha observado. Em conjunto, parece, no entanto, que, com as evidências de que dispomos, pode-se afirmar que existe o adolescente turbulento, atormentado e problemático, mas não é o tipo que predomina, encontrando-se neste grupo menos de 11% de adolescentes jovens. Afirma-se que em torno de 57% dos adolescentes jovens apresentam uma transição positiva e saudável, enquanto que ao redor de 32% dos adolescentes jovens apresentam dificuldades intermitentes e situacionais (Petersen, 1988). As dificuldades existem, portanto, como um dos elementos integrantes do quadro da adolescência, mas sua importância talvez não deva nem ser tão enfatizada como se fazia nas antigas teorias da tormenta e do drama, nem tão subestimada como talvez acreditamos, quando pensamos que a adolescência é uma época como as outras, sem problemas particulares. Como as outras etapas do desenvolvimento, a adolescência apresenta problemas específicos. Pode ser, como sugeriu Coleman (1974, 1980), com sua "teoria focal", que esses problemas não se apresentem todos de uma vez, mas sucessivamente, o que permite ao adolescente abordá-los de maneira seqüencial, pelo menos na maior parte dos casos.

Em todo caso, convém destacar que a maneira como as coisas se apresentam, para muitos adolescentes, em nosso meio cultural, pouco contribui para uma boa transição da adolescência à idade adulta. Retarda-se cada vez mais a incorporação dos adolescentes ao estado adulto, tornando-se cada vez mais freqüente encontrarmos pessoas física e psicologicamente adultas, mas não assim consideradas socialmente, pois continuam na dependência dos pais, não se incorporam ao mundo do trabalho, não podem formar uma unidade familiar própria, etc., não porque não desejem ser independentes, trabalhar ou manter uma solução estável e independente com uma pessoa do sexo oposto, mas porque as difíceis condições sociais para aceder ao mundo laboral, o prolongamento da escolaridade, o custo de vida, etc., tornam impossível a materialização desses desejos. Sem dar lugar a dúvidas, esse prolongamento artificial de um estado social infantil (dependência dos pais, assistência prolongada aos centros educativos, etc.) pouco ajuda os adolescentes, que têm, como uma de suas metas fundamentais, o desenvolvimento de uma nova identida-

de, como se irá ver no capítulo 22. Não se atinge essa nova identidade, a não ser desempenhando novos papéis e adquirindo o estatuto social de sujeito adulto.

É preciso acrescentar, à análise do caráter mais ou menos conflitivo da adolescência, um último aspecto. Fala-se, com freqüência, dos problemas dos adolescentes, como se as fontes de tensão residissem apenas neles. Todavia, nada mais distante da realidade. Pode ocorrer, por exemplo, que os pais de um sujeito adolescente qualquer estejam atravessando as crises da metade da vida, das quais se falará no capítulo 24, com o que eles próprios estão enfrentando conflitos, redefinições de sua identidade pessoal, relacional, profissional, etc. Esses conflitos, que os pais podem estar enfrentando, podem bem repercutir na maneira como se relacionam com seus filhos, em sua maior ou menor disponibilidade e acessibilidade, em sua maior ou menor rigidez ou flexibilidade. Por outro lado, pode ser que o adolescente do qual estamos falando esteja cursando o secundário, freqüentemente pouco definido, pouco motivante, sem uma utilidade clara para o exercício das profissões que possam interessar nosso sujeito, etc.

Bem pode acontecer, pois, que o adolescente que se defronta com conflitos, faça-o em um contexto familiar e extrafamiliar em que são freqüentes os conflitos alheios ao adolescente — mas que nele repercutem. Pais e professores acusam, com freqüência, os adolescentes de não saberem o que querem. Certamente os adolescentes estariam, muitas vezes, em seu direito, se respondessem aos pais e educadores que estes não sabem o que lhes oferecer.

Em meio a esses problemas e conflitos, a maioria dos adolescentes realiza uma adaptação razoavelmente boa e transitam de uma fase evolutiva à outra com tensões e conflitos aos quais podem enfrentar e que a grande maioria irá resolver, de maneira geralmente satisfatória. No capítulo 22, retomar-se-á a discussão de algumas das questões aqui apenas apontadas.

4. Continuidade ou descontinuidade?

Referimo-nos a algumas teorias que destacam, sobretudo, o caráter problemático da adolescência e outras que, pelo contrário, ressaltam seu caráter tranqüilo e sem sobressaltos. Existem mais teorias psicológicas que se referem à adolescência e que nos interessam agora, para discutir até que ponto o que nela ocorre é uma ruptura ou uma continuidade com o passado. Como nossos leitores podem esperar, dispomos de teorias que destacam a descontinuidade e outras que destacam a continuidade.

Entre as primeiras, as que destacam a descontinuidade, podemos citar todas aquelas que defendem a existência de fases de desenvolvimento. Por definição, fase significa mudança qualitativa, transformação. Assim acontece, por exemplo, no caso da teoria psicanalítica, a que nos referimos um pouco acima: passa-se da fase de latência à fase genital, reestruturando-se a personalidade em torno de novos conflitos, novos interesses e novas relações. Outro tanto ocorre na teoria de Piaget, de que se fala no capítulo seguinte. De acordo com Piaget, a adolescência marca o acesso ao pensamento formal, uma novo estilo de pensamento que se caracteriza por estender, ao domínio das idéias, princípios e proposições abstratas, a lógica que a criança já tinha desenvolvido para dar razão aos fatos e acontecimentos concretos e observáveis. Mais uma vez, o que aqui se está defendendo é uma reestruturação das capacidades cognitivas do adolescente, reestruturação que, uma vez produzida, supõe um salto qualitativo — e, portanto, uma certa descontinuidade — em relação ao nível anterior das operações concretas, descrito no capítulo 16.

Outras teorias ressaltaram, pelo contrário, o caráter contínuo do desenvolvimento, sem postular a existência de transformações qualitativas, como as que acabamos de comentar. Este é o caso, por exemplo, dos autores que se situam na perspectiva da aprendizagem social, dos quais um dos mais destacados é Bandura. Esses autores destacam o papel das aprendizagens que a pessoa faz, no contexto social, e indagam em que grau essas aprendizagens infantis preparam o indivíduo para os ajustes aos quais será obrigado na adolescência. Aquelas crianças que tenham feito a aprendizagem da independência, da autonomia e da iniciativa, da expressão de seus desejos e necessidades, talvez estejam mais preparadas para atender às demandas dessas condutas que cada vez mais lhe serão exigidas, a partir da adolescência. Pelo contrário, aquelas que aprenderam, principalmente, a dependência, a inibição da própria personalidade, a submissão ao imposto, terão mais dificuldades, à medida que seu entorno exija delas que agora se comportem de maneira diferente. O argumento central, agora, é que encontramos que a adolescência é o produto de toda a história evolutiva anterior e que não ocorre ruptura com o passado, nem transformações qualitativas.

Estamos, mais uma vez, diante de dois pontos de vista aparentemente irreconciliáveis. Para uns, predomina a descontinuidade; para outros, a continuidade. É provável que, como na problemática acima discutida, tenham algo de razão ambas as posições. Provavelmente existam novos elementos no desenvolvimento, novas capacidades que antes não existiam e que agora surgem em conseqüência da maturação, dos novos interesses e motivações, dos novos contextos em que o desenvolvimento se produz, das aprendizagens, etc. Porém, esses novos elementos não se inserem no vazio, não crescem do nada, mas sobre o substrato de toda uma história evolutiva prévia, que determina como se vive o que se está vivendo, como se aprende o que se está aprendendo, como se desenvolve o que está se desenvolvendo.

Por tudo isso, mais do que falar de continuidade ou descontinuidade, em termos absolutos, pode-se empregar o termo um tanto mais relativo de transformação, para se referir ao que ocorre nessa etapa da vida humana. O conceito de transformação permite manter, simultaneamente, a idéia de uma certa estabilidade, de uma certa continuidade com o passado e de uma certa novidade, de uma certa mudança. Os processos psicológicos da adolescência não são uma mera extensão para cima dos da infância. Mas tampouco são a novidade absoluta, uma criação *ex novo*.

Nesse sentido, o que ocorre ao adolescente não difere, radicalmente, do que ocorre em outras etapas de transição da vida humana. O bebê, que passa da dependência à independência, dos braços dos outros às suas próprias pernas; o pré-escolar, que é levado, pela primeira vez, a um contexto extrafamiliar, no qual tem de enfrentar realidades muito diferentes daquelas com as quais estava acostumado em sua casa; a menina que passa do pré-escolar à escolaridade obrigatória, ou de um ciclo de ensino a outro, que funciona de maneira muito diferente; a mulher que se incorpora ao mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, enfrenta as tarefas de seu novo papel como esposa e, depois, como mãe; o homem mais velho, que se aposenta e que, mais tarde, perde a esposa. Tudo o que foi indicado são exemplos de importantes transições evolutivas da vida das pessoas, transições que implicam novos ajustes, adaptações a demandas que antes não existiam e para as quais nem sempre se tinha realizado uma preparação adequada. Será que a adolescência difere muito de qualquer uma dessas outras transições?

Trata-se de uma pergunta difícil de responder. Provavelmente, como mais acima se indicou, não seja muito útil pensar o problema em termos da adolescência,

sendo mais fácil referir-se a ele em termos de diferentes tipos de adolescentes. A alguns deles podem ser logo apresentadas demandas bastante diferentes daquelas para as quais sua história evolutiva anterior ou suas competências atuais os prepararam (por exemplo, pense-se naqueles que precisam se incorporar, precocemente, ao mundo do trabalho, ou nos adolescentes que se convertem, inopinadamente, em pais). Para outros, a transição pode ser mais lenta, permitindo uma transformação mais gradual e paulatina. Para a maior parte, talvez se possa dizer que se trata de uma transição que encerra uma clara complexidade, por várias razões: por um lado, pelo acúmulo de novas demandas nos terrenos cognitivo, social, interpessoal, sexual, etc.; por outro, pela tensão, que pressupõe prolongar muito mais além de seu estado natural, um *status* social mais parecido com o infantil do que com o adulto, quando já se está, de fato, em condições de ser adulto. Nesse sentido, é certo que a adolescência é uma transição do tipo das outras produzidas durante o ciclo vital, mas também é certo que é uma das transições que — pelo menos em alguns adolescentes — realizam-se com menos suporte social, ou, para dizê-lo de outro modo, com maiores contradições sociais, projetando-se sobre o indivíduo em transição.

Em qualquer dos casos, realizada de uma ou de outra maneira, a da adolescência é uma transição de inquestionável importância na vida das pessoas, mas também é uma transição entre outras, não sendo a única, nem a última. Como acontece nas demais transições, existirão elementos do passado que se conservam e novos elementos que surgem ou que precisam ser construídos. O equilíbrio que, em cada caso, existir entre o que é novo e o que permanece, entre o que assegura a continuidade do mesmo ser psicológico e social, e o que possibilita seu desenvolvimento e transformação, informar-nos-á em que medida, para cada sujeito concreto, pode-se falar com mais propriedade, na adolescência, de continuidade ou descontinuidade.